

DIALOGANDO SOBRE EDUCAÇÃO MUSICAL: RECURSOS E ESTRATÉGIAS

DIALOGUING ON MUSICAL EDUCATION: RESOURCES AND STRATEGIES

Fabiana Oliveira Koga¹

1. graduada em instrumento piano e em Educação Musical pela Universidade do Sagrado Coração. Pós-Graduada em Psicopedagogia clínica pela Faculdade Paulista e é Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-Marília)

KOGA, Fabiana Oliveira. Dialogando sobre educação musical: recursos e estratégias. *Mimesis*, Bauru, v. 39, n. 1/2, p. 17-28, 2018.

RESUMO

O desenvolvimento da escuta musical está associado às oportunidades de contato e vivências musicais, desde a tenra idade e de modo sistematizado. Por essa razão, esse estudo objetivou sintetizar atividades, jogos ou estratégias musicais que pudessem ser replicadas no período que compreende desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental com o intuito de desenvolver a escuta musical e alcançar níveis elevados de consciência musical. Para a realização da síntese, utilizou-se de revisão descritiva e exploratória. Os dados receberam análise qualitativa a partir da base teórica do desenvolvimento auditivo de Edwin Gordon e Edgar Willems. Os resultados demonstraram a escassez de trabalhos que se dedicam a apresentar práticas pedagógicas para o desenvolvimento da escuta musical. De 39 revistas analisadas da Associação Brasileira de Educação Musical foram encontrados somente cinco trabalhos que versam sobre as didáticas e sugerem estratégias para o planejamento de aula. A conclusão al-

Recebido em: 08/06/2018
Aceito em: 31/07/2018

cançada permitiu refletir que não se trata de buscar receitas didáticas prontas, mas meios didáticos que permitam reflexões sobre o “como” fazer em sala de aula, de modo que o professor se sinta seguro para replicar atividades e, principalmente, criar outras.

Palavras-Chave: Educação. Educação Musical. Audição

ABSTRACT

The development of musical listening is associated with opportunities for contact and musical experiences from an early age in a systematized way. For this reason, this study aimed to synthesize activities, games or musical strategies that could be replicated in the periods of Early Childhood Education with the aim of developing musical listening and reaching high levels of musical awareness. A descriptive and exploratory review was used to perform the synthesis. The data were analyzed qualitatively from the theoretical basis of the development of Edwin Gordon and Edgar Willems. The results demonstrated the scarcity of works that are dedicated to presenting pedagogical practices for the development of musical listening. Of the 39 reviews reviewed by the Brazilian Association of Music Education, only five papers were found that deal with didactics and suggest strategies for lesson planning. The conclusion reached allowed us to reflect that it is not a question of seeking ready-made teaching resources, but didactic means that allow reflections on the “how” to be done in the classroom, so that the teacher feels safe to replicate activities and mainly create others.

Keywords: Education. Music Education. Audiation

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um desdobramento do trabalho realizado no minicurso “Dialogando sobre a Educação Musical: recursos e estratégias” ministrado no Simpósio Internacional de Linguagens Educativas “Diálogos sobre o Cotidiano escolar: teoria e prática na perspectiva da BNCC”, promovido em 2018 pela Universidade do Sagrado Coração na cidade de Bauru/SP.

KOGA, Fabiana Oliveira. Dialogando sobre educação musical: recursos e estratégias. *Mimesis*, Bauru, v. 39, n. 1/2, p. 17-28, 2018.

KOGA, Fabiana Oliveira. Dialogando sobre educação musical: recursos e estratégias. Mimesis, Bauru, v. 39, n. 1/2, p. 17-28, 2018.

A partir dessa oportunidade foi possível estabelecer reflexões a respeito da Educação Musical no Brasil que ainda necessitavam de discussões. Então, com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no que se refere à Educação Musical, e com base nas salas de aulas de algumas escolas brasileiras que têm se dedicado ao ensino de música, surge a seguinte questão: que atividades, jogos ou estratégias musicais poderiam ser desenvolvidas com estudantes dos períodos da Educação Infantil e Ensino Fundamental com o intuito de desenvolver a consciência musical?

Atualmente, fundamenta e justifica o ensino de música nas escolas brasileiras a Lei 13.278/2016, que:

inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica. A nova lei altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB — Lei 9.394/1996) estabelecendo prazo de cinco anos para que os sistemas de ensino promovam a formação de professores para implantar esses componentes curriculares no ensino infantil, fundamental e médio (BRASIL, 2016).

A Educação Musical não é algo recente e tampouco foi pensada por um povo em específico. O registro mais antigo referente à Educação Musical é de 2500 a. C., precisamente no Egito. Depois o ensino musical foi encontrado na China, na Grécia, em Roma etc. (BEYER, 1993) até chegar aos dias atuais e se configurar na Lei brasileira nº 13.278/2016.

Embora haja uma premissa histórica do ensino da música, Fonterrada (2008) mostra uma realidade nacional de 30 anos sem Educação Musical na rede básica de ensino. Nos dias atuais, o ensino de música vem sendo ministrado em escolas privadas, iniciativas extraescolares e, às vezes, por meio de projetos em algumas escolas da rede pública de alguns Estados.

As fissuras geradas pelos anos sem Educação Musical geraram lacunas que abrangem desde questões conceituais até criação e desenvolvimento de atividades, jogos e estratégias musicais para comporem planos e planejamentos de aulas. Algo que gera angústia e sensação de despreparo para os professores que querem trabalhar com a música. Sem a implementação da disciplina de música de modo efetivo, os professores acabam por não ter acesso à devida formação e capacitação para essa modalidade de ensino. Nas palavras de Mateiro e Ilari (2012, p. 9), “[C] conhecer o legado pedagógico implica entender as formas de pensar o ensino de música, muitas das quais em voga nos tempos atuais”.

Por essa razão, o presente trabalho objetivou sintetizar atividades, jogos ou estratégias musicais que pudessem ser replicadas no período que vai desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental com o intuito de desenvolver a escuta musical, alcançando assim níveis elevados de consciência musical.

Antes de realizar a síntese foi necessário apresentar dois importantes teóricos da Educação Musical que desenvolveram teorias referentes à escuta musical e destinadas aos períodos da Educação Infantil e Ensino fundamental, mais que isso, esses teóricos pensaram e se preocuparam com toda a extensão do ensino básico. Eles foram Edgar Willems e Edwin Gordon.

Willems (2011) conceituou como aspecto fundamental do desenvolvimento musical a capacidade de ouvir, escutar e entender a música². Em sua obra, o desenvolvimento musical do ouvido é um ponto crucial para a musicalidade. Para o autor esses processos de escuta não são isolados e estariam conectados às capacidades sensoriais, afetivas e mentais. Por essa razão, a importância da mediação e do ensino básico da música para que esses aspectos possam ser trabalhados e desenvolvidos, a fim de alcançar uma consciência musical a partir da compreensão simbólica dos elementos da música, promovendo o desenvolvimento das representações musicais.

Edwin Gordon (2015) teorizou sobre o desenvolvimento do ouvido musical. Para esse fim o autor criou o termo *Audiation*, além de se dedicar à avaliação musical das crianças e jovens em toda a extensão do ensino básico e teorizar sobre as representações musicais e a estabilização da aptidão musical.

A *Audiation* para Gordon (2015) é a base da aptidão musical e precisa ser estimulada desde os primeiros anos de vida da criança. Para Gordon (2015) a infância configura-se em um momento crucial para o desenvolvimento do ouvido musical. Se a criança cresce sem a possibilidade do desenvolvê-lo, irá estabilizar sua aptidão musical em níveis inferiores, ou seja, não terá tido a oportunidade de desenvolver ao máximo seu potencial musical.

Para Gordon (2015) a *Audiation* é para a música o que o pensamento é para a linguagem. Em outras palavras, por meio da escuta musical o sujeito, ao internalizar, cria imagens a respeito do sentido dos sons e ritmos ouvidos. A partir desse processo em torno da mú-

KOGA, Fabiana Oliveira.
Dialogando sobre educação musical: recursos e estratégias. Mimesis, Bauru, v. 39, n. 1/2, p. 17-28, 2018.

2 “[...] ouvir (ouír) designa a função sensorial do órgão auditivo, escutar (écouter), a reação emotiva que se segue ao impacto sonoro exterior e entender (entendre) se refere à tomada de consciência dos sons que tocaram o ouvido, de forma ativa e reflexiva (compreensão)” (PAREJO, 2012, p. 97).

KOGA, Fabiana Oliveira. Dialogando sobre educação musical: recursos e estratégias. *Mimesis*, Bauru, v. 39, n. 1/2, p. 17-28, 2018.

sica, começa a desenvolver representações a respeito daquilo que se ouviu. Assim, chega a níveis de consciência e, nesse plano, é capaz, por meio do senso estético, de fazer escolhas a respeito do material ouvido.

A maioria das pessoas ouve somente a letra das músicas e seu significado permanece condicionado à língua portuguesa, mas em termos musicais o acesso é quase nulo. Elas não sabem explicar o porquê daqueles instrumentos e não outros, o porquê daquele arranjo e não outro, quais instrumentos estão sendo utilizados, qual tonalidade, que padrão rítmico foi escolhido etc. A respeito disso, Gordon (2015, p. 36) afirma que “[A] a capacidade de audiar sintaticamente permite não só melhor desempenho na execução, mas também melhor apreciação”.

Tanto para Edgar Willems quanto Edwin Gordon o som deve ser ensinado antes da representação simbólica da música. A sonoridade deve ser explorada e vivenciada assim como os ritmos. Infelizmente, muitos programas formais ou disciplinas de Educação Musical usam a música como entretenimento ou espaço para o ensino teórico da notação. Convém destacar que ensinar as crianças a compreenderem o que a música significa e ajudá-las a edificar suas representações musicais farão da notação e do divertimento desdobramentos de um processo de aprendizagem musical.

Willems (2011) propôs para o desenvolvimento da escuta musical atividades como: construção de instrumentos, exercícios de reconhecimento de pares de sons, ditados tímbricos, comparação de pares de ritmos, reconhecimento de alturas, intensidades e durações, reconhecimento da curva melódica, classificação de objetos sonoros, reprodução sonora e rítmica etc.

Gordon (2015) propôs para o desenvolvimento da escuta musical atividades como: audiação de melodias por meio de balbucios e vocalizações para que a criança possa atender ao conteúdo musical e não ao texto escrito. Ele sugere o uso de diferentes canções, com diferentes compassos e curvas melódicas variadas. O autor destaca duas estratégias importantes que são o canto e a entonação de canções do cancionário da realidade cultural da criança.

“Cantar e entoar são componentes especialmente importantes das atividades musicais gerais da sala de aula na educação musical formal, porque dão a conhecer às crianças tonalidades e métricas específicas como preparação para as ensinar a audiar padrões tonais e padrões rítmicos nessas tonalidades e métricas nas atividades de aprendizagem sequencial” (GORDON, 2015, p. 131).

Para Willems é preciso fomentar a cultura auditiva para que as pessoas possam ser capazes de compreender musicalmente do Rap até a música erudita ou jazz. No entanto, no momento elas são capturadas pela facilidade de compreensão oferecida pela música comercial. Muitos estudantes estão sendo “bombardeados” pela mídia e sendo tolhidos de vivenciarem e apreciarem o cancionário musical nacional, historicamente construído, que deveria ser direito de todos.

“Os adultos de uma determinada sociedade incutem nos jovens aquilo que consideram ser valioso. Os adultos que não desenvolveram compreensão musical não estão em posição de atribuir à música o valor que lhe é devido” (GORDON, 2015, p. 16).

Desenvolvimento

O presente estudo se configura como uma revisão descritiva e exploratória, em modelo de síntese, cujo objetivo foi selecionar atividades, jogos e estratégias musicais criadas ou desenvolvidas através de pesquisas e que fossem passíveis de replicação na Educação Infantil e no Ensino Fundamental (MEDRADO; GOMES; NUNES SOBRINHO, 2014).

Para alcançar esse propósito, foram utilizados os descritores atividades musicais, jogos musicais e estratégias musicais, conforme é possível encontrar na literatura da área (FONTERRADA, 2008; MATEIRO; ILARI, 2012). As ocorrências ou frequência deles foram averiguadas no título e no resumo. Ao encontrar os trabalhos que versavam sobre o assunto, foram feitas as leituras integrais dos textos.

A busca foi realizada em todos os números de revista da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM). É preciso destacar que a revista foi selecionada por ser bem qualificada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES) e por ser referência nos debates, discussões e avanços sobre a Educação Musical no Brasil.

O período selecionado para busca foi de 1992 a 2017. Foram considerados somente os números da revista que estavam disponíveis no formato digital. Foram encontrados cinco artigos (em meio a 39 revistas) que apresentavam a descrição detalhada e embasamento teórico referente à aplicação de atividades, jogos ou estratégias musicais passíveis de replicação tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental.

KOGA, Fabiana Oliveira.
Dialogando sobre educação musical: recursos e estratégias. Mimesis, Bauru, v. 39, n. 1/2, p. 17-28, 2018.

KOGA, Fabiana Oliveira. Dialogando sobre educação musical: recursos e estratégias. Mimesis, Bauru, v. 39, n. 1/2, p. 17-28, 2018.

O quadro 1 apresenta os trabalhos encontrados, descrevendo a autoria, o título, os tipos de atividades, jogos ou estratégias musicais utilizadas, a origem e o formato do trabalho.

Quadro 1 – Síntese dos trabalhos encontrados na revista da ABEM

AUTOR/ANO	TÍTULO	ATIVIDADES, JOGOS OU ESTRATÉGIAS MUSICAIS	ORIGEM	TIPO
Diniz, Oliveira, Hummes e Filho (2003)	Guia para educação e prática musical em escolas	Traz como elaborar atividades que trabalhem: pulso, ritmo, melodia, leitura, intervalos e escalas com crianças do 1º ao 9º ano.	Rio Grande do Sul	Resenha
Russel (2005)	Estrutura, conteúdo e andamento em uma aula de música na 1ª série do ensino fundamental: um estudo de caso sobre gestão de sala de aula	Traz a descrição de 13 atividades para o 1º ano. Elas envolvem o canto, a dança/movimento e a escrita da notação musical.	Canadá	Artigo
Caregnato (2011)	Estratégia métrica versus estratégia mnemônica: posições contrastantes ou complementares no ensino de ritmo?	Traz estratégias e etapas do desenvolvimento rítmico.	Paraná	Artigo
Schünemann e Maffioletti (2011)	Música e histórias infantis: o engajamento da criança de 0 a 4 anos nas aulas de música.	Os autores trabalham a estrutura música versus histórias infantis e, em seu texto, apresentaram como trabalhar com nove histórias.	Rio grande do Sul	Artigo
Macedo (2012)	Resenha: MATEIRO, T.; ILARI, B. (Org.). Pedagogias em educação musical. Curitiba: Ibpex, 2011. 352p. (Série Educação Musical).	Traz uma análise crítica sobre o livro de Mateiro e Ilari (2011). Esse livro apresenta os principais conceitos e pedagogias do ensino de música, além de estratégias, jogos e atividades que podem ser aplicadas em sala de aula em diferentes níveis da Educação Básica.	Rio Grande do Sul	Resenha

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Ao observar o quadro 1 é possível analisar o baixo índice de trabalhos dedicados a oferecer um norte pedagógico e didático aos professores de música. Não se está defendendo ou incentivando a criação de apostilas, manuais ou guias práticos e prontos para aplicação em campo. O que se defende aqui é a criação de possibilidades didáticas que possam ser replicadas e testadas com a finalidade de verificação de sua eficácia, além de servir de fonte de inspiração e ajuda para aqueles professores mais inexperientes.

Os trabalhos apresentados pelo quadro 1 não estão trazendo uma receita pronta, mas possibilidades didáticas norteadoras, como é o caso de Diniz, Oliveira, Hummes e Filho (2003). Trata-se de um guia de sugestões de como preparar uma aula que objetive trabalhar com pulsação, ritmo, melodia etc. Também, como exemplo, Russel (2005) apresenta como estruturar uma aula de música a partir do relato da experiência de uma professora que ele observou. Todos esses exemplos, bem como os demais autores do quadro 1, estão sinalizando caminhos didáticos e possibilidades teórico-práticas.

“Nessa perspectiva, é indispensável, para a formação (inicial e/ou continuada) de qualquer educador musical, conhecer diversos métodos de educação musical, analisando-os criticamente. Eles sistematizam as diferentes respostas que distintos pedagogos musicais encontraram, em sua prática educativa, para a questão de como ensinar. Entretanto, como discutido ao longo do texto, se dominar o que se ensina não é suficiente para um verdadeiro processo educativo, o como – a que necessariamente tem de se articular – deve ser sempre encarado de modo dinâmico, e nunca como uma receita pronta. Aprendamos com as várias propostas pedagógicas em educação musical, mas aprendamos, antes de mais nada, com nossa prática concreta em sala de aula, num constante processo de questionamento, de reflexão e de busca.” (PENNA, 2012, p. 22).

Penna (2012)³ argumenta um ponto crucial da dificuldade de elaboração de atividades musicais para a sala de aula. Por que fazer determinada atividade e não outra? Que objetivos pretendem ser alcançados em uma determinada atividade musical? O que se espera com essa atividade? Ela está a serviço do quê? O que é uma atividade musical? Como se cria ou elabora uma atividade musical?

Muitas perguntas podem contribuir para a elaboração de um plano de aula em Educação Musical. Inclusive questões destinadas à vivência musical e à imaginação. Afinal, para Gordon (2015) o quanto antes a criança puder ter contato com a música e seus concei-

3 Penna (2012) redigiu o texto de introdução do livro organizado por Mateiro e Ilari (2012).

KOGA, Fabiana Oliveira.
Dialogando sobre educação musical: recursos e estratégias. Mimesis, Bauru, v. 39, n. 1/2, p. 17-28, 2018.

tos, maiores serão as chances de se tornar ávida e musical. Também o corpo precisa sentir a música para que o cérebro possa compreender e estabelecer as representações musicais. “A música não é uma aptidão especial concedida a um pequeno número de eleitos; todo o ser humano tem algum potencial para entender a música” (GORDON, 2015, p. 8).

Para Willems (2011) é preciso superar o fato de muitas crianças não conseguirem se desenvolver musicalmente, inclusive músicos profissionais que apresentam dificuldade na acuidade auditiva, discernimento de tons e ritmos e na sensorialidade.

O desenvolvimento da escuta musical é a base da musicalidade, por essa razão há uma distinção considerável entre ter um bom ouvido e ter musicalidade. A segunda permite acessar a consciência musical e as representações, ao passo que a primeira não permite tal acesso porque apenas contribui para a decodificação musical.

Os trabalhos apresentados sintetizam algumas práticas pedagógicas e didáticas, porém há muitas outras possibilidades. Na área da música, especificamente na performance instrumental e vocal, são comuns as aulas abertas ou masterclass. Sendo assim, o que há de especial nessas aulas?

A masterclass em si não representa aquilo que se quer evidenciar, mas o que está na base dessa prática didática bastante comum no meio musical. Nesse tipo de aula o estudante executa uma peça musical ou atividade de acordo com seu nível de estudo. O professor de música observa e analisa. Em seguida, ele profere comentários e começa a apresentar para o estudante pontos que precisam ser melhorados. Para isso, sugere estratégias e possibilidades de como fazer. A partir desse ponto, realiza o treinamento com o estudante até que possa realizar o conteúdo musical com fluência e autonomia.

A masterclass é uma aula aberta porque, às vezes, a dúvida de uma pessoa pode ser a mesma da outra. Esse tipo de aula poderia ser válido nos cursos de formação continuada de professores. Eles poderiam apresentar o que fazem em sala de aula e, a partir desse ponto, o professor mediador estabelece a condução da aula. Infelizmente essa estratégia é pouco utilizada pela Educação Musical. A maioria dos cursos são em formato de workshop ou oficinas. Os professores de música que vão a esses cursos saem com modelos prontos para replicação, mas incapazes de elaborar, por eles mesmos, outras possibilidades.

Conclusão

As fissuras causadas pelos 30 anos sem Educação Musical vêm assolando e privando as novas gerações da possibilidade de desenvolver-se nos âmbitos sensoriais, afetivos e mentais na música. Mais que isso, a criança brasileira não está aprendendo a ouvir, escutar e entender a música para poder apreciar. Por essa razão, se transforma em alvo fácil para a mídia que tem invadido as casas de todas as famílias brasileiras.

As crianças não têm a oportunidade de balbuciar, entoar, cantar, dançar, sentir e experimentar diferentes músicas. Elas apenas conhecem e tem a oportunidade de experimentar aquilo que a mídia impõe como, por exemplo, o funk, a música sertaneja, o axé e o pop. É preciso destacar que, na maioria das vezes, o problema não está no arranjo musical ou no estilo, mas no teor temático das músicas abordado pelos artistas midiáticos. São textos para adultos, assim como o conteúdo musical, que em nada respeitam a infância e as etapas de desenvolvimento dos jovens.

Os professores, que poderiam ser uma peça fundamental nessa inserção da Educação Musical, se sentem despreparados e analisam que ainda é preciso lutar pela implementação da disciplina para depois pensar no ensino. Para isso, basta analisar as edições da revista da ABEM. Pouquíssimos trabalhos destinados à prática didática e muitos destinados a discutir a perspectiva política da Educação Musical, a formação do professor e outros assuntos adjacentes.

Diante de tudo isso é preciso refletir a importância de conhecer os conceitos chaves de teorias fundamentais para o embasamento prático. Esses conceitos permitem criar e desenvolver atividades que visem estimular a criança para que ela possa emitir uma resposta. É preciso que o comando da tarefa seja claro e, como não menos importante, a mediação e a instrução do professor.

Qualquer que seja a atividade ela precisa ser planejada com antecedência, precisa ter uma meta a ser alcançada e seu procedimento precisa estar claro para a criança. Por melhor que seja uma teoria ou uma atividade essa sempre estará condicionada àquele que aplica. Também tais atividades elaboradas precisam estar alinhadas as etapas de desenvolvimento das crianças e jovens, além de apresentarem elementos desafiadores e interessantes para que elas se engajem e desfrutem do mundo da música maximamente.

KOGA, Fabiana Oliveira.
Dialogando sobre educação musical: recursos e estratégias. Mimesis, Bauru, v. 39, n. 1/2, p. 17-28, 2018.

KOGA, Fabiana Oliveira. Dialogando sobre educação musical: recursos e estratégias. *Mimesis*, Bauru, v. 39, n. 1/2, p. 17-28, 2018.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Senado Federal. **Lei inclui artes visuais, dança, música e teatro no currículo da educação básica**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/03/lei-inclui-artes-visuais-danca-musica-e-teatro-no-curriculo-da-educacao-basica>>

BEYER, E. A Educação musical sob a perspectiva de uma construção teórica: uma análise histórica. **Revista da Associação Brasileira de Educação Musical** (Série Fundamentos, impressa). Londrina, v. 1, p. 5 – 25, 1993.

CAREGNATO, C. Estratégia métrica versus estratégia mnemônica: posições contrastantes ou complementares no ensino de ritmo? **Revista: Associação Brasileira de Educação Musical**. Londrina, v. 19, n. 25, p. 74-86, jan. jun. 2011.

DINIZ, L. N.; OLIVEIRA, K. D.; HUMMES, J. M.; FILHO, J. R. H. Resenha: Guia para educação e prática musical em escolas. **Revista da Associação Brasileira de Educação Musical**. Londrina, v. 1, n. 9, p. 97-98, set. 2003.

FONTEERRADA, M. T. O. **De tramas e fios: um ensaio sobre a música e educação**. 2ªed. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

GORDON, E. **Teoria de aprendizagem musical para recém-nascidos e crianças em idade pré-escolar**. 4ªed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

MACEDO, V. L. F. Resenha: MATEIRO, T.; ILARI, B. (Org.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: Ibpex, 2011. 352p. (Série Educação Musical). **Revista: Associação Brasileira de Educação Musical**. Londrina, v. 20, n. 27, p. 163-165, jan/jun 2012.

PAREJO, E. Um pioneiro da educação musical. In: MATEIRO, T.; ILABRI, B. (Orgs.) **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: InterSaberes, p. 91 – 114, 2012.

PENNA, M. A função dos métodos e o papel do professor em questão, “como” ensinar música. In: MATEIRO, T.; ILABRI, B. (Orgs.) **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: InterSaber, p 13-24, 2012.

RUSSELL, J. Estrutura, conteúdo e andamento em uma aula de música na 1ª série do ensino fundamental: um estudo de caso sobre gestão de sala de aula. **Revista da Associação Brasileira de Educação Musical**. Londrina, v. 12, p. 73-88, mar. 2005.

SCHÜNEMANN, A. T.; MAFFIOLETTI, L. A. Música e histórias infantis: o engajamento da criança de 0 a 4 anos nas aulas de música. **Revista da Associação Brasileira de Educação Musical**. Londrina, v. 19, n. 26, p. 119-131, jul/dez 2011.

WILLEMS, E. **El oído musical**: la preparación auditiva del niño. 5ª ed. Barcelona: Paidós, 2011.

KOGA, Fabiana Oliveira. Dialogando sobre educação musical: recursos e estratégias. *Mimesis*, Bauru, v. 39, n. 1/2, p. 17-28, 2018.